

A TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO EM TEXTOS MULTIMODAIS

Ana Patrícia Sá Martins
(UEMA)

<https://orcid.org/0000-0002-5716-1580>

RESUMO

O presente artigo busca oferecer uma proposta de interpretação dos principais conceitos da Teoria dos espaços mentais e das mesclas para a construção de sentido em textos multimodais, como os anúncios publicitários e os memes. A partir das contribuições teóricas da Linguística Cognitiva, mais especificamente, de autores como Fauconnier (1994, 1997, 2002), Coulson (2001), Fillmore (1982), Lakoff e Johnson (1980, 2000), Turner (1989, 2001, 2002), entre outros, visamos a observar como a construção dos sentidos requer do leitor recorrência a domínios mentais e cognitivos na construção linguístico-discursiva da sua interpretação. Foram analisados sete textos multimodais de diferentes fontes, encontrados no ambiente digital. As análises nos permitiram observar os textos como cognição distribuída, em que o modo de funcionamento da mente é o próprio princípio organizador da composição textual, e de como as estruturas linguístico-textuais perpassam tal composição na formação das representações sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria dos espaços mentais e das mesclas. Construção de sentido. Textos multimodais.

THE THEORY OF MENTAL SPACES IN THE CONSTRUCTION OF MEANINGS IN MULTIMODAL TEXTS

ABSTRACT

This article aims to offer a proposal of application of the main concepts of Theory of mental spaces and the mixtures for the construction of meaning in multimodal texts, such as commercials and memes. Coulson (2001), Fillmore (1982), Lakoff and Johnson (1980, 2000), Turner (1989, 2001, 2002), among others, we aim to observe how the construction of the senses requires the reader to recur to mental and cognitive domains in the linguistic-discursive construction of their interpretation. We analyzed six multimodal texts from different sources found in the digital environment. The analyzes allowed us to observe texts as distributed cognition, in which the mode of functioning of the mind is the organizing principle of textual composition, and how linguistic-textual structures permeate this composition in the formation of social representations.

KEYWORDS: Theory of mental spaces and blends. Sense construction. Multimodal texts.

1. Introdução

A linguagem baseada na cognição também se utiliza de mecanismos gerais da cognição, assim, podemos afirmar que é possível utilizar as evidências linguísticas para estudar os aparatos cognitivos. Sob esse viés, torna-se possível dizer que as estruturas da linguagem empregam os mesmos dispositivos usados para organizar modelos cognitivos (LAKOFF, 1987, p.67 e p.291). A língua, portanto, nos oferecerá indícios sobre as construções no nível cognitivo e, nesse processo, as expressões linguísticas possuem significado potencial. Além de oferecer indícios do que acontece no nível cognitivo, as estruturas linguísticas apresentam outra importante atribuição - ser determinada por e determinar estruturas sociais e modelos culturais.

Tendo em consideração que as estruturas textuais são repletas de orientações que indicam quais os processos cognitivos de seu produtor - orientações essas que conduzem e ativam esquemas que possibilitarão atribuir sentido ao pensamento ordenado em forma de texto, podemos inferir que o produtor do texto e, também o leitor, realizam amplos e complexos processo de integração e mesclagens conceituais na organização e na busca de sentidos para esse texto. A Teoria das Mesclagens Conceituais, portanto, considera os textos no seu potencial discursivo e requer, para isso, que o tratamento dos dados considere os aspectos integradores da cognição.

A partir dessas considerações teóricas que nosso trabalho de interpretação de alguns dos principais conceitos da Teoria dos espaços mentais na análise da construção de sentidos em textos multimodais foi elaborado. O procedimento metodológico buscou perceber a maneira como processos de integração conceitual funcionam na/para a compreensão de sentidos ideologicamente representados, dando ênfase tanto à constituição social da dimensão cognitiva na organização do discurso quanto às relações sociais envolvidas e negociadas nas e pelas práticas discursivas, culturalmente localizadas.

2. Teoria das Mesclagens Conceituais

Segundo a perspectiva de Lakoff (1987), a mente humana, na sua relação com a própria linguagem, é caracterizada por propriedades criativas, experimentalistas e ecológicas. Criativas, porque a mente humana tem a capacidade imaginativa de criar e recriar complexas redes de domí-

nios, em uma rica dinâmica de expansão dentro de modelos cognitivos, que caracterizam a composição do pensamento. Experimentalistas, porque nossos sistemas conceituais são extremamente dependentes de experiências físicas e culturais. E, por fim, ecológicas, porque se trata de um esquema com diversos níveis estruturais de organização (mental, social, físico), cujas relações e efeitos não podem ser localizados isoladamente, já que um elemento, como parte do sistema, interfere em todos os outros elementos desse sistema, em uma rede de interligações (LAKOFF, 1987, p.112-113).

A partir dessas considerações, vale destacar que a cognição é considerada um conjunto de capacidades relacionadas a extensos processos de construção mental (de percepção, memória, raciocínio, aprendizagem, compreensão e ação) que permite à mente acionar insumos, (re) produzir sentidos e determinar ações – atividades que posicionam a mente humana como infinitamente mais complexa e rica do que processamentos de máquinas. Em outros termos, a mente seria mais do que um mero espelho da natureza ou um mero processador de símbolos, não é casual para a mente que nós tenhamos corpo, o que faz com que a capacidade do pensamento para o entendimento e para a produção de sentido vá além do que uma máquina pode fazer (LAKOFF, 1987).

Sob o viés de tais conceitos de mente e cognição, a Linguística Cognitiva busca, de maneira geral, sistematizar os elementos básicos da relação entre pensamento e linguagem, formulando hipóteses sobre as estruturas mentais que levam os indivíduos a organizar seus conhecimentos. Dessa forma, a linguagem é entendida não somente como um módulo da mente, mas como um traço (e parte integrante) da cognição humana. Assim, que para a Linguística Cognitiva, a cognição passa a ser concebida também de forma a considerar a esfera comunicativa e as condições socioculturais de produção de sentido, organizando modos de compreensão do processamento cognitivo humano e delimitando construtos teóricos capazes de mapear a organização cognitiva no seu mais alto nível.

Guedes (1999) pontua que Fauconnier, ao contra-argumentar os postulados clássicos sobre linguagem, que consideravam conteúdos, ideias e o próprio sentido como codificados nas palavras, defende justamente que,

[...] a linguagem não está ligada diretamente com o mundo real ou metafísico; no meio, ocorre um extenso processo de construção mental, que não reproduz nem as situações-alvo do mundo real nem as expres-

sões linguísticas responsáveis por organizá-lo. Esse nível intermediário pode ser chamado cognitivo; ele é distinto do conteúdo objetivo e da estrutura linguística. A construção se faz quando a língua é usada e é determinada por formas linguísticas que constroem um discurso, e por uma série de pistas extralinguísticas que incluem informações dadas, esquema acessível, manifestações pragmáticas, expectativas, etc. (FAUCONNIER apud GUEDES, 1999, p.32).

Observamos que Fauconnier propõe uma concepção de linguagem que considera, sobretudo, a sua constituição cognitiva e que não exclui as dimensões interacionais, sociais e culturais. Essa concepção de linguagem fundamentou, por um tempo, um conceito bastante importante a essas teorias e que recebeu o nome de *espaços mentais* - domínios articulados como a base do discurso, que acontecem nos bastidores da cognição e que estão envolvidos nas manifestações mesmas da linguagem: “essencial para o entendimento da construção cognitiva é a categorização de domínios em cima dos quais as projeções acontecem. Espaços mentais são domínios que o discurso constrói para prover uma base cognitiva para argumentar e se conectar com o mundo.” (FAUCONNIER, 1997, p.34).

Segundo esse ponto de vista, o sentido depende de construções mentais complexas, organizadas através da e na linguagem, e que se denominam espaços mentais. A constituição de espaços mentais, determinados por índices tanto gramaticais quanto pragmáticos, depende dos papéis e das relações de elementos externos e internos que constituem, caracterizam e singularizam cada espaço. Essa teoria está relacionada a um modelo que descreve, portanto, as evidências de funções gramaticais na construção das configurações discursivas, em busca, principalmente, da natureza cognitiva dessa construção (FAUCONNIER, 1994). Postulação esta que se passou a denominar, então, Modelo dos Espaços Mentais ou Teoria dos Espaços Mentais, na qual Fauconnier (1994, 1997) postula uma perspectiva de cognição em que se relacionam intimamente a linguagem e a estrutura cognitiva.

Como o próprio Fauconnier define, a Teoria dos espaços mentais procura mostrar e explicar o que acontece nos “bastidores” da nossa cognição.

Grande parte do nosso pensamento é inconsciente – ou seja, é fundamentalmente inacessível à nossa introspecção direta e consciente. A maioria dos nossos pensamentos cotidianos acontece muito rapidamente e em um nível muito baixo em nossa mente para ser acessível.

(...) Todos nós temos sistemas conceituais que usamos quando pensamos, mas não podemos inspecionar conscientemente esse inventário de conceitos. Podemos chegar rapidamente a conclusões numa conversa, mas não temos acesso consciente a cada inferência e aos nossos mecanismos inferenciais durante a produção de inferências, que é colossal a cada segundo. Todos nós falamos uma língua que tem uma gramática, mas não juntamos as sentenças conscientemente palavra por palavra, conferindo conscientemente se estamos seguindo as regras gramaticais de nossa língua. Para nós, parece fácil: falamos, escutamos e fazemos inferências sem o menor esforço. Mas o que acontece em nossa mente, atrás das cenas, é altamente complexo e extremamente inacessível à nossa consciência (LAKOFF e NÚÑEZ, 2000, p. 27).

Teoria dos Espaços Mentais Espaços são estruturas cognitivas parciais que compreendem um tipo de descrição de alto nível, em que estão envolvidos domínios interconectados através dos quais pensamos, interagimos e produzimos sentido; e, através dos quais, também, podemos formular hipóteses sobre a linguagem e o próprio pensamento. Fauconnier, em entrevista a Carla Coscarelli (2003), considerando a dificuldade de se definir o que é um espaço mental, uma vez que não se pode ver o que está e o que acontece exatamente no cérebro, descreve espaços mentais, primeiramente, como pequenos conjuntos de memória de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos, processo em que nós os conectamos entre si e também os relacionamos a conhecimentos mais estáveis.

Segundo os pressupostos das ciências cognitivas atuais, o raciocínio humano inclui *frames*, *metáforas* conceituais e *blendings* conceituais. As ideias seriam fundamentadas na experiência humana e reunidas por intermédio de mecanismos conceituais humanos (LAKOFF e NÚÑEZ, 2000, p. 166). Para a teoria dos espaços mentais, a compreensão se dá através da criação, articulação e integração desses espaços mentais. Espaços mentais, de acordo com Fauconnier:

[...] são pequenos conjuntos de memória de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos. Nós os conectamos entre si e também os relacionamos a conhecimentos mais estáveis. Para isso, conhecimentos linguísticos e gramaticais fornecem muitas evidências para estas atividades mentais implícitas e para as conexões dos espaços mentais. (Entrevista, COSCARELLI, 2005).

[...] são muito parciais. Eles contêm elementos que são tipicamente estruturados por frames. Eles são interconectados e podem ser

modificados à medida que o pensamento e o discurso vão acontecendo. (FAUCONNIER e TURNER, 2002, p. 40).

A partir dessas asserções, observamos que *frame* é uma noção relevante à Teoria dos Espaços Mentais, haja vista o termo envolver vários outros conceitos que incluem esquemas, roteiros, cenários, modelos cognitivos idealizados e teoria do senso comum. Para Fillmore (1982), o significado de muitas palavras está relacionado às experiências do falante com as situações em que elas foram usadas e define frames como um sistema de categorias cuja estrutura tem raízes em algum contexto. Para Minsky (1975), frame vem a ser a estrutura usada para representar situações comuns e típicas; nesse sentido, a ativação de um frame cria expectativas sobre importantes aspectos do contexto. Conforme defende o autor, os frames usam valores *default*, ou seja, valores mais típicos ou frequentes para cada elemento da estrutura. Quando uma informação não estiver disponível, ou não for dada, ela será preenchida por um valor default. Minsky afirma que os “frames contêm informações necessárias tanto para a compreensão de um tipo de evento ou cenário particular quanto informações *default* sobre os complementos mais prováveis para cada elemento da estrutura” (COULSON, 2001, p. 19). Assim, os espaços mentais trariam representações parciais de elementos e relações entre eles em um dado cenário que pode ser percebido, compreendido, imaginado, lembrado, sonhado, etc. Ou seja,

Uma vez que elementos em um espaço mental têm contrapartes em outros espaços, um componente importante da teoria dos espaços mentais envolve o estabelecimento de projeções entre elementos e relações em diferentes espaços. Essas projeções podem ser baseadas em vários tipos de relações, incluindo identidade, similaridade, analogia, funções pragmáticas baseadas em metonímia, sinédoque e representação. (COULSON e OAKLEY, 2000, p. 177).

Esses espaços envolvem, portanto, a integração de elementos ativados na memória de trabalho com outros conhecimentos da memória de longo termo e são geralmente ativados por elementos do texto (verbais ou não verbais).

Nesse sentido, os espaços se delinham por processos de *contrafactualidade* entre elementos constituintes, propriedade da mente sem a qual nenhum espaço se sustenta. Existem, portanto, elementos (de espaços-fontes – domínios de origem) que, através de determinados mecanismos

construtores de espaços mentais, se organizam e se relacionam, criando espaços. Esses espaços, assim, se misturam com outros elementos, em integração conceitual, fazendo surgir ainda novos espaços, em conexão pragmática com os primeiros – fenômeno denominado posteriormente de Mesclagem conceitual.

Os princípios que administram essas operações são decididos por processos de identificação e de contraposição entre elementos, em um esquema de contrafactualidades, processo que, na Teoria dos Espaços Mentais, é sustentado pela própria hipótese de que produção linguística, gramática e estruturas cognitivas se relacionam intimamente. É por essa razão que, para Fauconnier (1994), os dados da língua servem para expor aspectos de elaboradas representações mentais. Em sentido geral, o funcionamento do modelo corresponde a domínios locais que são introduzidos por expressões linguísticas que suscitam os espaços mentais.

Além de os espaços mentais, ou domínios locais, serem estruturados por conectores motivados por marcas linguísticas, eles também são constituídos por domínios estáveis não locais. Esses domínios estáveis são caracterizados não só por sua estabilidade como domínios cognitivos passíveis de serem identificados e evocados, mas também pela organização, definida internamente, das informações que constituem esses domínios e, ainda, pela mobilidade de seu acontecimento, de acordo com as necessidades locais manifestadas. É essa permanência, essa organização interna e a flexibilidade de sua instanciação que permitem a esses domínios ser identificáveis e apreensíveis.

A integração conceitual ou mescla é uma abordagem teórica que busca identificar a integração de informações feitas pelos seres humanos. Essa operação engloba um conjunto de combinações entre modelos cognitivos dinâmicos numa rede de espaços mentais. A integração ou mescla depende de projeções que geram uma “estrutura emergente, produzindo novas conceitualizações, gerando inferências, reações emocionais e força retórica” (COULSON e OAKLEY, 2000, p. 176). Quando se considera que as mesclas colocam os conceitos em novas justaposições, não é de se surpreender que esses conceitos sejam recontextualizados na mescla, favorecendo o aparecimento de novas inferências.

Entendemos, pois, que integração é uma operação cognitiva por meio da qual a estrutura de dois *inputs* mentais é projetada num terceiro espaço. Essa projeção é feita com base nas semelhanças entre os espaços que permite a projeção e o estabelecimento de relações entre os elemen-

tos de cada um deles. Uma das consequências da mescla é a integração de várias estruturas conceituais em uma única unidade conceptual. Outra consequência é a produção de estruturas emergentes, ou seja, de estruturas que não estão nos *inputs*, mas que são produzidas a partir da mescla ou de projeções entre os espaços. Estruturas emergentes são, portanto, estruturas derivadas da mescla que não estão nos *inputs*. Essas estruturas podem ser geradas por uma composição das projeções entre elementos dos *inputs*, que faz com que relações que não existem nos *inputs* separados passem a existir na mescla; por complementação, baseadas em frames utilizados na ativação dos espaços, que trazem estruturas adicionais para mescla, fazendo com que nosso conhecimento prévio ajude na construção do sentido; e por elaboração, que é fazer a mescla rodar (*running the blend*), usando para isso nossa imaginação e os princípios estabelecidos para aquela mescla.

Vale ressaltar que Coulson (2001) adverte para o fato de que “o significado de um enunciado que envolve a mescla conceitual não poder ser tido como algo que reside no espaço mescla. Ao contrário, ele envolve a compreensão das relações dentro dos vários espaços e entre eles” (p. 197). Essa assertiva nos ajuda a entender a produção de inferências, que envolve o trabalho com frames e não com predicados isolados. Assim, a opção por um dado frame e não por outro resultará em diferentes inferências. Se pensarmos numa situação de sala de aula, ao trabalharmos com a interpretação de um texto, por exemplo, em que o assunto não seja de conhecimento da maioria da turma, veremos que a produção de inferências pode envolver uma nova construção de um fenômeno bem conhecido, a mudança na saliência de um elemento particular de um frame ou a criação de novas conexões entre espaços ativados. O que será projetado entre os espaços, no entanto, não será informação estática e pronta na memória de longo-termo, mas

entidades dinamicamente construídas na memória de trabalho. A teoria da mesclagem conceitual nos permite deixar de lado a velha ideia de conceitos como estruturas estáticas na memória de longo-termo em favor de modelos dinamicamente construídos tanto por informação na memória de longo-termo quanto por dicas locais e contextuais (COULSON, 2001, p. 201-2).

Os conceitos envolvidos nessa teoria, bem como o funcionamento dela, ficam mais claros à medida que exemplos são dados e analisados.

Observemos a Figura 1:

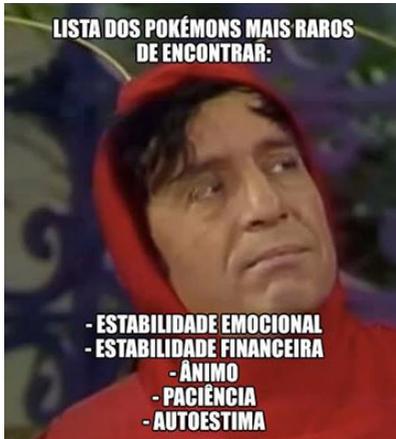
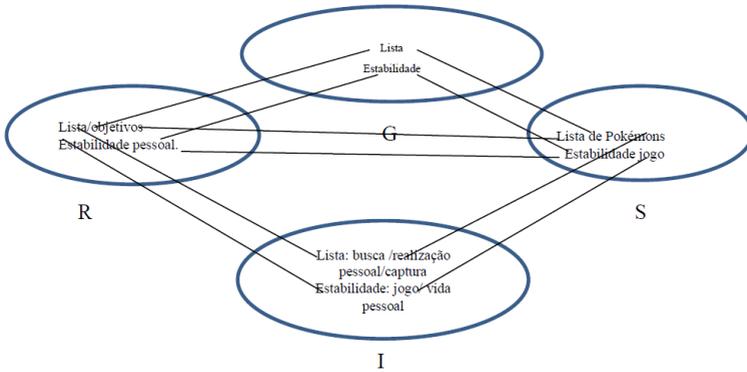


Figura 1 –

Fonte: <https://www.facebook.com/ChapolinSincero/?fref=ts>

Analisando, acima, o gênero digital meme, viralizado nas redes sociais, que é também um texto multimodal, temos a frase: “*Lista de Pokémons mais raros de encontrar: estabilidade emocional, estabilidade financeira, ânimo, paciência, autoestima.*” A frase faz referência à série de desenho animado que, numa estratégia de marketing dos seus criadores e empresários, retornou com um aplicativo de celular, por meio do qual as pessoas poderiam “capturar” os Pokémons – animais/personagens da série – assim como faziam os adolescentes/caçadores. Dessa forma, para construirmos o sentido humorístico da mensagem veiculada, vamos lidar com a articulação de dois espaços mentais input (realidade (R) e série (S), que geram uma mescla (I) – e é nessa mescla ou integração de espaços que somos capazes de entender que são os Pokémons – animais/personagens da série que são capturados e não os substantivos que representam a realização pessoal da vida da maioria das pessoas na realidade. A expressão “lista dos Pokémons”, neste caso, é um construtor de espaços que ativa o espaço da série e nos faz construir um terceiro em que o espaço da vida real e o da ficção se misturam. Esses espaços são a projeção de um *espaço genérico* (G) – espaço conceitual que fornece uma base para a integração – em que a ideia de busca/captura/realização é apresentada de modo geral.



Teoria dos Espaços Mentais é elaborada como uma teoria dos modelos cognitivos que leva em conta tanto domínios locais correspondentes a espaços mentais quanto modelos conceituais mais amplos que estruturam esses espaços. Ao se reportar à teoria de Fauconnier, Lakoff se refere a essas principais propriedades do modelo dos espaços mentais destacando a multiplicidade e a dinamicidade dos processos que envolvem o seu funcionamento:

Os espaços podem conter entidades mentais; os espaços podem ser estruturados através de modelos cognitivos; os espaços podem estar relacionados a outros espaços pelo que Fauconnier chama de “conectores”; uma entidade em um espaço pode estar relacionada a entidades em outros espaços através de conectores; os espaços são prolongáveis nessas entidades adicionais e os MCIs [Modelos Cognitivos Idealizados] podem ser acrescentados aos espaços no curso do processo cognitivo; os MCIs podem introduzir espaços. (LAKOFF, 1987, p. 281-282).

No que se refere às análises desenvolvidas para descrever essas relações nos e entre espaços mentais, Fauconnier (1994, 1997) postula algumas categorias teórico-metodológicas de descrição de sentenças e de casos específicos. Nos seus estudos, essas análises envolvem descrição, através de representações por diagramas, dos processos desencadeados por introdutores de espaços mentais, normalmente assimilados a marcado-

res de passado, presente e futuro; a expressões linguísticas indicadoras de situações hipotéticas e/ou de situações ficcionais; a situações pragmáticas que sustentam domínios abstratos, como domínio da matemática, domínio da política, etc.

Uma das principais categorias utilizadas por Fauconnier em suas descrições, a qual ele nomeia como *space builders* – os construtores de espaços mentais - consistem em marcas linguísticas e contextuais que estruturam os espaços mentais, direcionando as projeções entre elementos desses espaços e estabelecendo conexões entre eles:

As expressões linguísticas irão tipicamente estabelecer espaços novos, elementos dentro desses espaços e relações organizadas entre os elementos. Eu chamarei de construtores de espaços mentais essas expressões que podem estabelecer um novo espaço ou que podem recorrer a um espaço já introduzido antes no discurso. (FAUCONNIER, 1994, p.17)

São muitas as construções gramaticais que podem ser consideradas como definidoras dessas relações e desses espaços (marcas temporais, modos verbais, conectivos, sintagmas adverbiais e preposicionais, sentenças nominais e outros). Além das marcas gramaticais, os construtores de espaços mentais podem operar através de informações pragmáticas ou de espaços hipotéticos, que correspondem a espaços de domínio de atividades. Isso quer dizer que os espaços mentais não são explicitados apenas por construtores de caracterização gramatical, mas também por significações gramaticais implícitas e indiretas e por fatores não-linguísticos, como aspectos pragmáticos. Quanto aos construtores de espaços mentais (*space-builders*), Fauconnier já dava indícios, em suas primeiras obras, que eles não seriam suficientes, para dar conta do alto nível de complexidade e abstração dos espaços mentais, conforme sua asserção abaixo:

A forma linguística irá restringir a construção dinâmica dos espaços, mas essa construção por si mesma é altamente dependente de construções prévias já executadas anteriormente no discurso: os mapeamentos disponíveis de espaços e de ligações entre espaços; os frames e modelos cognitivos disponíveis; as características locais de molduras sociais em que acontecem as construções; e, claro, as propriedades reais do mundo ao redor. (FAUCONNIER, 1994, p. 34).

Esse viés foi um dos nortes formulados na revisão que a Teoria das Mesclagens Conceituais realizou no corpo da teoria que a antecedeu. A Teoria das Mesclagens Conceituais postula a ideia de mesclagem e inte-

gração conceitual como mecanismo básico da mente e como uma operação cognitiva fundamental.

Ao pensarmos, numa perspectiva integradora, nos processos cognitivos, nas implicações pragmáticas e nas estruturações linguísticas e gramaticais, podemos explicitar os inter cruzamentos que constituem os espaços mesclas e descrever as dimensões cognitivas, linguísticas, culturais e sociais envolvidas na construção do discurso. Fauconnier & Turner (2002) demonstram que a mesclagem conceitual está na base do funcionamento cognitivo da mente do homem moderno, na prática cotidiana dos indivíduos e no desenvolver de sua cultura, (re)definindo os modos de viver e de pensar e, principalmente, constituindo a maneira pela qual as pessoas produzem sentidos.

Os autores mostram também como as mesclagens operam e como elas são atravessadas por questões como linguagem, identidade, cultura – as quais, por sua vez, são questões apreendidas na lógica desses mesmos processos de mesclagem. Essa postura se justifica no fato de que a teoria da mesclagem se fundamenta no princípio da integração conceitual, que é considerada a forma pela qual a cognição opera. Tal pressuposto é tanto objeto dessa teoria, que o articula na maneira de enxergar a cognição, quanto uma postura dessa teoria, ao abrir espaço para integrar os seus domínios a outros campos, como a psicologia, a computação, as ciências sociais. A teoria das mesclagens, ou da integração conceitual, assume, portanto, uma postura de pesquisa interdisciplinar, o que atribui amplitude e profundidade às suas análises e que poderia ser mais e melhor explorada nas aulas de interpretação textual, por exemplo.

Fauconnier (1994), ao discutir o elemento social em sua teoria, aponta, dentre outros aspectos, para o uso da noção de frame. Nesse momento, ele explicita uma conexão possível entre a noção de espaço, no sentido linguístico-cognitivo, e a noção de frame, no sentido sociológico. Para Goffman (apud FAUCCONNIER, 1994), a interação comunicativa é inserida em um frame, considerado uma moldura comunicativa e um jogo em que estão envolvidos rituais e valores instituídos e negociados socialmente. Na Teoria das Mesclagens Conceituais, a cognição não aparece desvinculada da dimensão social. E mais, a cognição tem um caráter eminentemente social. E é essa natureza social da cognição que faz necessário considerar que há âncoras materiais que sustentam os processamentos das integrações conceituais, para que assim seja possível ir além da compreensão da experiência subjetiva

e da internalidade (SALOMÃO, 2005, p.159). O próprio ato de fazer sentido e de interpretar, para o qual precisamos dessas âncoras materiais, é uma operação social.

Fauconnier, mesmo que não determine como objeto de suas reflexões a dimensão discursiva da linguagem, defende, como se pode ver, uma análise que não silencia a história que atravessa e constitui os dados linguísticos, já que é preciso considerar, antes de tudo, que esses dados foram retirados de uma situação de uso da linguagem comprometida com uma série de fatores socioculturais. A partir dos pressupostos elencados acima que empreendemos nossas análises sobre as estruturas mentais, conceptuais e de mescla observadas em alguns exemplos de textos multimodais.

3. Interpretação da Teoria dos espaços mentais em textos multimodais

As mudanças na forma e na configuração multimodal dos textos na atualidade implicam numa transformação, sem possibilidade de retrocesso, também na forma de ler. Dionísio (2002, p. 164), por exemplo, defende a necessidade de revisão do conceito de leitura e de estratégias utilizadas nas aulas, uma vez que, se os gêneros se materializam em formas de representação multimodal (linguagem alfabética, disposição gráfica na página ou na tela, cores, figuras geométricas etc.) que se integram na construção do sentido, os conceitos de letramento e de leitura também precisam ir além do meramente alfabético.

O ensino de leitura sob essa perspectiva depreende, então, estratégias para que os alunos possam construir caminhos na maneira de ler, por meio da ação/reflexão sobre os gêneros/discursos que, do mesmo modo, servem como objeto de estudo, sejam eles impressos ou dos ambientes digitais. A multimodalidade e/ou multissemiose dos textos contemporâneos, ou seja, “textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas [...] para fazer significar” (ROJO; MOURA, 2012, p. 19) exigem multiletramentos e isso precisa ser problematizado no ensino de leitura.

Conforme assinalou Marcuschi (2010), os textos multimodais, gêneros que reúnem diversas linguagens, fazem-se presentes, circulam em nosso meio, de forma que, em muitas situações do dia a dia,

nos deparamos com eles sem nos darmos conta disso. Dionísio (2002, p.159-160) afirma que cada vez mais se observa a combinação de material visual com a escrita; vivemos, sem dúvida, numa sociedade cada vez mais visual. Segundo a autora, representação e imagens não são meramente formas de expressão para divulgação de informações, ou representações naturais, mas são, acima de tudo, textos especialmente construídos que revelam as nossas relações com a sociedade e com o que a sociedade representa.

A partir das breves considerações acima sobre os textos multimodais, propomos a seguir algumas propostas de diálogos conceituais entre as contribuições da Teoria dos espaços mentais e os textos multimodais, objetivando mostrar não só o funcionamento da teoria, mas também sua capacidade de nos ajudar a perceber com mais clareza as operações envolvidas na construção de sentidos, assim como a vislumbrar suas possíveis aplicações e desdobramentos também sob a perspectiva didática.

Segundo Fauconnier (1994), grande parte do que é realizado durante a construção de significados é feito nos “bastidores da cognição”, como, por exemplo, o preenchimento de detalhes não especificados pelos elementos linguísticos usados ou pela gramática. Ou seja, ainda que os elementos linguísticos disponham de informação relevante para o leitor, “as operações de construção do significado não são completamente especificadas pelas informações gramaticais” (COULSON e OAKLEY, 2000, p. 176). Conseguimos compreender, em geral, porque usamos nossos conhecimentos prévios, nossas habilidades cognitivas e as informações do contexto discursivo que estamos inseridos, os quais irão contribuir para a sistematização das informações que estão sendo recebidas, organizando-as em diferentes espaços mentais e estabelecendo projeções entre elementos desses espaços criados. Analisemos o exemplo na Figura 2, retirado de um anúncio publicitário da empresa de Hortifruti:

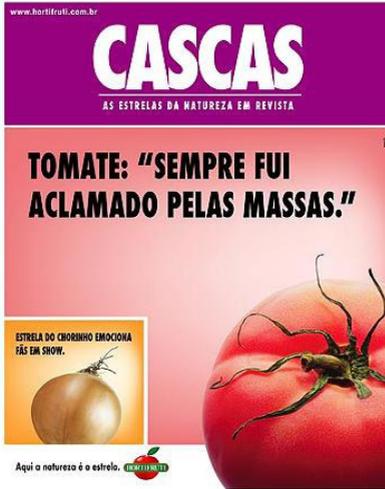


Figura 2:

Fonte: <https://www.facebook.com/hortifruti>

Tomando como exemplo apenas a ambiguidade da frase: ‘Tomate: “Sempre fui aclamado pelas massas.”’, observamos que a ambiguidade está no fato de que a interpretação do substantivo “massas” vai depender da articulação que vamos estabelecer entre os diferentes espaços. Podemos, por exemplo, projetar o substantivo “massa” como sinônimo de *alimento*, no espaço 1 ou como sinônimo de *povo* no espaço 2 ou no “povo que gosta de tomate” na mescla, tendo assim em cada uma dessas diferentes projeções um sentido para a palavra massa. A compreensão desse tipo de frase explora situações contrafactuais ou conflitantes que projetadas em outros mundos possíveis acabam se tornando compatíveis e gerando ricas interpretações. Nesse sentido que Coulson e Oakley (2000, p. 177) argumentam que “embora diferentes espaços possam conter informações díspares sobre os mesmos elementos, cada espaço individualmente contém uma representação que é logicamente coerente”. Corroborando tal afirmação, trazemos a contribuição de Fauconnier e Turner (2002, p. 92):

Nós não estabelecemos espaços mentais, conexões entre eles e mesclas à toa. Fazemos isso porque isso nos dá um insight global, uma compreensão em escala humana e novos significados. Isso nos torna eficientes e criativos. Um dos aspectos mais importantes da nossa eficiência, insight e criatividade é a compressão conseguida através das mesclas (FAUCONNIER e TURNER, 2002, p. 92).

Trazemos na Figura 3, mais um exemplo de ativação e integração de espaços mentais. Vejamos:



Figura 3

Fonte: <https://www.facebook.com/euamoleituraoficial/?fref=nf>

Observemos que, além do tipo da fonte nas letras, das cores e da disposição em que foram colocadas no texto, o jogo de sentido desencadeado pela sequência das palavras *drogas*, *admito*, *cheiro*, para a compreensão final do texto envolve a ativação de dois espaços: um relacionado às drogas/vício/viciados; e outro relacionado aos amantes da leitura. Podemos dizer que a palavra “cheiro” mescla e condensa um grande número de informações relacionadas a domínios de conhecimento ou a espaços mentais diferentes. O resultado dessa mescla é um espaço que gera a informação de que essa pessoa, autodenominada de bibliófila, (segundo o Dicionário Aurélio, é o colecionador ou amante de livros), tem um vício, um gosto incontrollável pela leitura.

Ademais dos fenômenos linguísticos já citados nesse trabalho, elencamos também mais um recurso muito explorado por Lakoff e Johnson (1980), Lakoff e Turner (1989), Fauconnier e Turner (2002) em seus estudos, para demonstrar o caráter produtivo das projeções e integrações

entre espaços mentais na construção do sentido: as metáforas. Para grande maioria de nós, metáforas não passa de uma das figuras de linguagem que estudamos nas aulas de Língua Portuguesa. Contudo, os referidos autores têm mostrado que a metáfora é muito mais que um recurso estilístico; é uma das maneiras fundamental para que o pensamento abstrato se torne possível. Autores como Lakoff e Núñez (2000, p. 39) afirmam que um dos principais resultados nas ciências cognitivas foi o de que os conceitos abstratos são tipicamente compreendidos, via metáfora, em termos de conceitos mais concretos, e que essas estão quase que cotidianamente presentes nas nossas experiências de vida.

Conforme os estudiosos, tais correlações são exemplos do que Johnson (1997 apud Lakoff e Núñez, 2000, p. 42) chamou de *conflação* ou *fusão*, que pode ser interpretada como uma explicação neurológica do que Fauconnier chama de integração (mescla). Tais conceitos são importantes para compreendermos a noção de mente corporificada da Linguística Cognitiva, ou seja, a ideia de que as operações mentais se realizam e estão ancoradas em um corpo; pois são criadas e moldadas pela estrutura de nosso cérebro, pelo nosso corpo e pelas nossas constantes interações com o mundo. Lakoff e Núñez (2000, p. 42) postulam ainda que:

Conflação é a ativação simultânea de duas áreas simultâneas do nosso cérebro, cada uma delas relacionada com aspectos diferentes de nossa experiência, como a experiência física de calor e a experiência emocional de afeição. Numa conflação, os dois tipos de experiência ocorrem sem separação. A coativação de duas ou mais partes do cérebro gera uma experiência singular complexa – uma experiência de afeto-com-calor, ou uma experiência de dificuldade-com-um-problema-físico. É via tais conflações que ligações (links) neurais entre domínios são desenvolvidos – ligações que frequentemente resultam em uma metáfora conceitual, na qual um domínio é conceptualizado em termos de outro.

Analisemos a Figura 4, um anúncio publicitário veiculado pela Fundação SOS Mata Atlântica, para compreendermos as premissas acima acerca da conflação:



Figura 5

Fonte: <http://www.adforum.com/creative-work/ad/player/6696495/smoke/fundacao-sos-mata-atlantica>

Notamos que para a construção de sentido da mensagem transmitida pela campanha publicitária – a conscientização do uso sustentável da natureza – é necessário que o leitor ative simultaneamente seus conhecimentos, suas experiências e sensações, no que se refere aos domínios sinestésicos e fisiológicos: a palavra ‘olhos’, a cor preta, a cor marrom da aridez da terra (visão), ardência, calor, seca (visão e tato), fumaça/falta de ar (olfato). A fim de que, a partir da coativação desses diferentes domínios, a confluência seja efetuada, provocando uma experiência, um significado singular e, conseqüentemente, um domínio que seja conceitualizado em termos do outro.

Já vimos, ao longo desse estudo, que para a teoria dos espaços mentais, a metáfora é um fenômeno conceitual, e não um fenômeno puramente linguístico, que envolve projeções sistemáticas, criação de imagens e inferências entre domínios conceituais (GRADY; COULSON, 2000). Além disso, ressaltamos que, segundo os estudiosos desta teoria, na interpretação de metáforas, bem como de qualquer outro uso da língua, existem restrições. Nada é feito aleatoriamente. Na teoria dos espaços mentais essas restrições na construção de sentido são encontradas nos *princípios constitutivos* da integração conceitual – projeções parciais entre os espaços mentais, projeções seletivas para a mescla e o desenvolvimento de

estruturas emergentes. Tais restrições são também impostas pelos *princípios governadores*.

Dessa forma, a integração conceitual, portanto, conecta os espaços *input*, que fazem uma projeção seletiva para uma mescla e desenvolvem estruturas emergentes por composição, complementação e elaboração. Ressalva-se que existem relações que são estabelecidas dentro dos espaços – relações intraespaciais – e entre diferentes espaços – interespaaciais – as quais desenvolvem estruturas que por sua vez também podem ser projetadas entre os espaços. Para Fauconnier e Turner (2002, p. 319), existem relações mais produtivas (recorrentes) que outras, sendo denominadas de ‘relações vitais’; tais como: causa-consequência, Mudança, Identidade, Tempo, Espaço, Parte-todo, Representação, Papel role), Analogia, Disanalogia, Propriedade, Similaridade, Categoria, Intencionalidade e Unicidade.

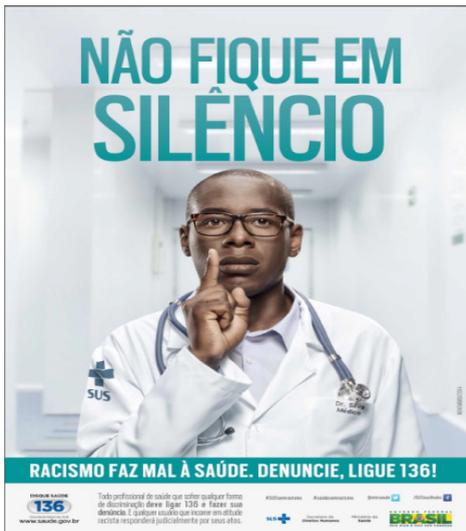


Figura 6

Fonte: <http://www.blog.saude.gov.br/34777-campanha-mobiliza-a-populacao-contra-o-racismo-no-sus.html>

Na campanha publicitária do Ministério da Saúde (2014) contra o racismo no SUS, conforme vemos acima, percebemos espaços *input* que se conectam por uma relação de analogia entre seus elementos (a frase e o gesto de silêncio, sempre presentes nos cartazes de ambientes

hospitais, a cor do profissional da saúde, o crime de racismo, o esquecimento (denúncia), gerando uma mescla em que traços desses elementos fazem surgir estruturas que não estão em nenhum dos inputs como, por exemplo, o dedo (em sinal de silêncio) não está à frente da boca, indicando que se visa à denúncia; a ideia do crime de racismo como uma doença, pela presença da palavra cura. Segundo Lakoff e Turner (1989), esse é um caso de metáfora de imagens, em que as “palavras são elementos que nos incitam a fazer projeções no nível conceitual entre imagens mentais” (p. 93). As palavras *silêncio*, *racismo*, *cura*, *denuncie*, nos faz ativar e mesclar, não só o conceito, mas também e, sobretudo, as imagens (representações) sobre racismo, denúncia e o profissional do SUS, criando, a partir daí, uma nova imagem (sentido) e possibilitando a elaboração de uma nova mensagem. É válido acrescentar que houve uma seleção de informações (representações) ativadas e projetadas entre os espaços, ou seja, nem toda informação relacionada a racismo ou a hospital foi ativada, como Fauconnier e Turner (2002, p. 104) acrescentam, um espaço mental “consiste de elementos e relações simultaneamente ativados como uma unidade integrada” e deve ser organizado por um frame específico.

Diferentes frames foram envolvidos durante a criação de cada um dos espaços. Essa ativação de informações é sempre seletiva, isto é, nem todas as informações do frame seriam ativadas, mas aquelas que se enquadram na rede que está sendo construída. Essa seleção é guiada pelos princípios governantes e envolve também princípios como os da *compressão*, da *topologia* e da *relevância*. Para Fauconnier e Turner (2002), a expectativa de relevância em uma comunicação encoraja o ouvinte a procurar conexões que maximizam a relevância do elemento para a rede, e encoraja o falante a incluir no *blending* elementos que propiciam as conexões adequadas na rede, mas também excluem elementos que podem levar a conexões. Entre esses espaços há relações, as quais são condensadas numa relação de unicidade entre os espaços, reduzindo os vários espaços em um único elemento só, que, ainda assim, reúne em si as características de todos os elementos dos outros espaços.

Na concepção dos autores, por ser uma compressão, “a mescla traz em si o germe de toda a rede. (...) Fazer rodar a mescla pode gerar inferências e consequências para todo o resto da rede” (p. 332). Eles nos alertam ainda para a capacidade humana de simultaneamente ser capaz de perceber o sentido global e as partes de que ele é composto (p. 76), demonstrando, pois, que a construção de espaços mentais e a integração

ou mescla desses espaços não é uma operação de via única. Uma vez que os inputs influenciam na construção de um espaço genérico, o qual fornece estrutura para a criação da mescla; sendo que a mesma proporciona também, se quisermos, uma volta e, conseqüentemente, à reinterpretção, à reanálise dos inputs, que pode gerar um novo desempacotamento da mescla e assim sucessivamente.

Tendo em vista serem “conjuntos de memória de trabalho”, os espaços mentais são muito dinâmicos e essas operações de compressão têm como objetivo atingir o que Fauconnier e Turner (2002) chamaram de *escala humana*, ou seja, situações que nos sejam familiares e fáceis de apreender, como por exemplo, coisas do cotidiano: falar, comer, dançar, ler. Para os autores, a busca por essa escala se justifica “por estarmos envolvidos e culturalmente acostumados a lidar com a realidade em uma escala humana – que é através de ação e percepção diretas e em frames familiares, geralmente envolvendo poucos participantes, e intencionalidade direta” (2002, p. 322).

O objetivo da integração conceitual, além da obter a escala humana, é tentar condensar o que é difuso, disperso e obter um insight global, fortalecendo as relações vitais, e isso é proporcionado pelos princípios constitutivos e governantes. Dessa maneira, uma cadeia complexa e difusa pode ser sistematizada num cenário com uma escala humana, passando, assim, a ser mais compreensível; visto que um cenário de difícil compreensão tornou-se mais familiar, em menor escala e mais compreensível, por trazê-la para uma escala humana.

Embora as propostas de aplicação da Teoria dos espaços mentais jamais se esgotem no que apresentamos nesse trabalho, elencamos a seguir nosso último exemplo, a fim de demonstrar, de acordo com Fauconnier e Turner (2002), que durante a construção de sentidos, três operações “básicas, misteriosas, poderosas, complexas e em sua maior parte inconscientes” (p. 6) são essenciais: *identidade*, *integração* e *imaginação*, a que os autores denominaram de os *3 Is*.



Figura 7
 Fonte: <http://cargocollective.com/albertoanspach>

Vejamos como a ideia dos 3Is pode ser contemplada na análise deste anúncio. A campanha institucional para SOS Mata Atlântica, no anúncio acima, visava a fugir do que comumente era focado nas campanhas a favor da natureza: imagens de animais, plantas ou florestas para impactar. O desafio era trazer para algo mais humano onde as pessoas pudessem se relacionar. Mostrar, por exemplo, que as pessoas que dependem da floresta para sobreviver são as mais prejudicadas com o desmatamento.

Consoante aos princípios apresentados por Fauconnier e Turner (2002), *identidade* é o reconhecimento da semelhança ou da equivalência, bem como de oposições e diferenças. É “um produto espetacular de trabalho complexo imaginativo e inconsciente”. Segundo os autores, encontrar identidades e diferenças faz parte do processo mental básico de *integração conceitual*. É um processo dinâmico, complexo e que envolve elaborações e restrições, mas que geralmente ocorre sem ser notado. Asseguram ainda que tanto a identidade quanto a integração conceitual não podem explicar o significado sem a *imaginação*, que pode acontecer em nossa mente mesmo sem estímulos externos e estaria relacionada à nossa capacidade de fazer simulações como em ficções, situações hipotéticas, sonhos e fantasias.

Numa primeira visão do anúncio, o input floresta é ativado, em decorrência do formato das mãos que lembram árvores, do solo e da marca

de garras no texto em amarelo à direita da imagem. Ou seja, criamos uma identidade sobre floresta, por vermos ali uma semelhança entre aqueles elementos, que por causa de nossas experiências e de nosso conhecimento enciclopédico, conseguimos integrar conceitos e representações que sejam coerentes à concepção de floresta. Contudo, não são árvores que estão na imagem, mas sim, partes dos braços e das mãos humanas fincados na terra. Como defendido por Fauconnier e Turner (2002), é um processo dinâmico e complexo, desse modo, a imagem das árvores é projetada (imaginada) a partir das mãos e vice versa, diante de todo o conjunto de informações elencadas no anúncio. Criando, portanto, o sentido global do texto; a mensagem da Campanha.

Percebemos que alguns dos principais conceitos da Teoria dos espaços mentais podem ser compreendidas e aplicadas em textos multimodais, tão presentes na contemporaneidade e, conseqüentemente, por que não?, também uma via alternativa para complementação em processos de ensino aprendizagem, tais como o estudo e interpretação de textos.

4. Considerações Finais:

A Teoria dos espaços mentais, como um modelo teórico para a compreensão dos processos de representação mental envolvidos nos mecanismos de produção de sentido, permitiu-nos ver nos textos multimodais como cognição distribuída, em que o modo de funcionamento da mente é o próprio princípio organizador da composição textual. O uso da análise linguístico-textual encaminhou, a partir daí, uma maneira de perceber como estruturas cognitivas – especificamente aquelas que desencadeiam a projeção de espaços mesclas são utilizadas no processo de formação de representações sociais, permitindo observar o funcionamento de aspectos mais abrangentes, como questões políticas e ideológicas.

Sob um ponto de vista linguístico-discursivo, partimos para a leitura dos textos multimodais buscando sistematizar o seu funcionamento a partir da compreensão das mesclagens conceituais como um processamento cognitivo fundamental na e para a produção e a interpretação textual. Esses espaços que, inicialmente, emanavam dos processos mentais envolvidos na produção do texto e que, no processo de elaboração dos textos multimodais, foram articulados linguisticamente e socialmente para conduzir os sentidos desejados pelo locutor, podem ser lidos e remapeados nessa leitura.

A integração entre espaços mentais, como um mecanismo de compreensão e de interpretação, carrega o potencial de orientar os sentidos ao

traçar um mapa de compreensão do mundo ali representado – representações mentais que funcionam socialmente e representações sociais que funcionam mentalmente, circunscrita numa dada realidade.

REFERÊNCIAS

- BLACKMORE, S. **The meme machine**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- _____. The power of memes. **Scientific American**, New York, vol. 283, p. 64-73, October, 2000.
- COULSON, S. **Semantic Leaps**. Cambridge, Cambridge University Press, 2001.
- COULSON, S. e GRADY, O. Blending basics. In: **Cognitive Linguistics** 11-3/4 (2000), p. 175-196.
- COSCARELLI, Carla Viana. Entrevista: **Uma conversa com Fauconnier**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2003. Disponível no site: www.lettras.ufmg.br/rbla/2005_2/entrevista. Acesso em jun de 2018.
- DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros Textuais e Ensino**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- FAUCCONNIER, Gilles. **Mental Spaces: aspects of meaning constructions in natural language**. New York: Cambridge University Press, 1994.
- FAUCCONNIER, Gilles. **Mappings in thought and language**. New York: Cambridge University Press, 1997.
- _____. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- FILLMORE C. J. (ed.). Frame semantics. In: **Linguistic Society of Korea. Linguistics in the morning calm**. Seoul: Hanshin, 1982, p. 111-137.
- GUEDES, Mayra Barbosa. Espaços Mentais, leitura e produção de resumos. In: **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, v.3, n.2, jul./dez., 1999, pp.31- 48.
- GUNDERS, J.; BROWN, D. **The complete idiot's guide to memes**. New York: Alpha, 2010.
- LAKOFF, George. **Women, Fire, and Dangerous Things: what categories reveal about the mind**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.
- _____. JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of

Chicago Press, 1980.

_____. NÚÑES, Rafael. **Where mathematics come from?** New York: Basic Books, 2000.

_____. TURNER, Mark. **More than cool reason.** Chicago: University of Chicago Press, 1989.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B., BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino.** São Paulo: Parábola, 2011.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido.** São Paulo: Cortez, 2010.

MINSKI, M. Frame system theory. In: P. N. JOHNSON-LAIRD, P. C. WASON (eds.) **Thinking: readings in cognitive science.** Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1975, p. 355-376.

RECUERO, R. C. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. Conexões nas redes midiáticas. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 32, p. 23-31, abr.2007.

ROJO, Roxane; ALMEIDA, Eduardo de Moura (Orgs.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SALOMÃO, Maria Margarida. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sócio-cognitivo da referência. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwíges Maria; BENTES, Anna Christina. **Referenciação e Discurso.** São Paulo: Contexto, 2005, pp.151-168.

SILVA, Augusto Soares. Linguagem, Cultura e Cognição, ou a Linguística Cognitiva. In: SILVA, Augusto Soares; TORRES, Amadeu; GONÇALVES, Miguel (orgs.). **Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva.** Coimbra: Almedina, vol. I, 2004, pp.1-18.

SINHA, Chris. Blending out of the background: play, props and staging in the material world. In: **Conceptual Blending Theory: Journal of Pragmatic.** v. 37, Issue 10, October, 2005, pp. 1537-1554. Disponível no site <http://www.sciencedirect.com/science/journal/03782166>. Acesso em jun de 2018.

Recebido em:17/09/2018

Aceito em:21/03/2019